



ALAMEDA 69 OU ROTEIRO PARA UMA TRAGÉDIA

Arcângelo da Silva Ferreira¹

Alameda 69. Sábado. Sete de fevereiro, no calendário da parede.
Agora os telhados agora estavam calados e cheiro úmido da chuva inaugura outras lembranças.
No momento do encontro. A tímida lua e o urro do imenso rio amarelo, que vinha da Cidade
Baixa, anunciam o mágico realismo da tarde.

Entrando na casa lhes chamou a atenção à fotografia antiga. Emoldurada por uma tessitura
mitológica. Trágico movimento monolítico. E o exótico labirinto da clarabóia, desenhando
cores indescritíveis, afirmando uma vez mais o início de outra temporalidade.

Ela, querendo fugir da velha metáfora que dissimula seu corpo, fecha os olhos e deseja algo
insólito. Está cansada da fuga, da repetição do mesmo. Sedenta. Igual lobo à caça de meninos.

Depois do vinho, o gozo perseguido.

Inatingível, inatingível... Inalcançável!

Lá fora, sorrateiramente, os jasmims roçam o musgo da parede abandonada, auscultando o
ranger de dentes.

O odor diz tudo como fossem águas e suas espumas ferozes batendo nas escadarias do antigo
mercado de peixes.

É quando ela, cansada da inexorável procura, adormece finitamente.

Antes, as presas sentiram a sensação da prisão de corpos amalgamados pelas rugas de miúdas
mãos.

A pequena cidade parou naquela manhã de segunda-feira.

Ensimesmados, seus olhares já desprovidos de todo e qualquer calor, esfumariam um claro-
escuro através das lentes estropiadas e das páginas em branco e preto para os leitores curiosos
do *À Ilha* onde trazia em uma de suas linhas:

“... sobre o móvel bordado seus hábitos e lençóis tristes retratavam a cúmplice lembrança da
velha mocidade.”

¹ Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (ICHL- UFAM). arcasferreria@hotmail.com .